

HISTÓRIA

do Mês

n.º 41 | maio.18

as MAIAS, o MAIO e a PRIMAVERA



CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE VILA DO BISPO



Município
Vila do
Bispo

as MAIAS, o MAIO e a PRIMAVERA

No Algarve, com a chegada da Primavera e por altura do 1.º de Maio, era costume, em quase todas as casas, encher-se um grande boneco de trapos brancos com palha de cereal e farelos, que depois se vestia com roupas velhas e se enfeitava com flores do campo. Estes bonecos chamam-se de “Maías” e eram colocados em poses quotidianas nas ruas, em locais de movimento, à vista de quem passava. Eram acompanhados por versos populares, dizeres satíricos ou gracejos sociais. A par dos bonecos, havia o hábito de se colocarem ramos e coroas de flores do campo, como giestas amarelas, às portas, nas janelas e nas varandas das casas.

Noutros tempos, no dia 1.º de Maio, ninguém trabalhava. As gentes do campo organizavam festas, com representações teatrais, música e danças tradicionais. Vestiam roupa branca, contavam histórias e apregoavam discursos. Faziam bolos e comidas de ocasião para as celebrações e bebiam. Estas festividades chegavam a durar 3 dias, estando associadas à chegada da Primavera e a uma Natureza cíclica e renovadora, ao próprio ciclo natural da vida, ao nascimento, à morte e ao renascimento. Celebrava-se a chegada de uma estação renovadora, de uma profícua Primavera que volta sempre depois das provações do Inverno.

Estes costumes ainda não se perderem totalmente! Encontram-se documentados um pouco por todo o Portugal, com diversas peculiaridades loco-regionais. Hoje, no Algarve, os seus ecos encontram-se circunscritos a determinadas povoações, particularmente nos Concelhos de Olhão, Faro, Monchique, Lagos e Vila do Bispo. No nosso Concelho ainda é possível depararmo-nos com surpreendentes Maías, sobretudo nas aldeias da Raposeira, de Vale de Boi e de Barão de São Miguel.

Estranho e aparentemente contraditório o facto de surgirem associados a esta tradição alguns costumes rituais que implicam conjurar o Maio: “afastar o Maio”, “não deixar o Maio entrar” e “rolhar do Maio”. Sugerem uma original significância mágica, de “espantar o mal” ou de “chamar a boa-sorte”. Na Raposeira, conforme depoimento do Sr. Rosado, na madrugada do 1.º de Maio, antes do nascer-do-sol, o pai acordava os filhos, mandava-os lavar a cara dizia a rima: “*vamos desarrolhar para não deixar o Maio entrar!*”

Sobre as possíveis origens destas remotas tradições e dos diversos rituais e celebrações que se sobrepõem no mês de Maio, podemos apontar algumas referências históricas. Por exemplo, na mitologia grega Maia (do latim: “avó”, “mãe”, “amamentadora”, ou “grande mãe”) era a mais velha das sete ninfas da montanha, filhas do titã Atlas, e representava o crescimento e a fertilidade. Na mitologia romana, Maia era a deusa da Primavera, filha de Fauno e esposa de Vulcano. No calendário celta, entre o equinócio da Primavera e o solstício de Verão celebrava-se *Beltane*, por volta de 1 de Maio, o mais alegre dos festivais celtas, onde se dançava nas voltas da fogueira. Era o festival da fertilidade, simbolizando a união entre as energias masculina e feminina, a fertilidade da terra e os fogos do deus celta *Belenos*. Acredita-se que as festas pagãs germânicas, com as danças em torno do poste de Maio (*Maypole*), que se celebram na Alemanha e na Áustria, mas também nas Ilhas Britânicas, a 30 de Abril, 1 de Maio ou Pentecostes, possam ter derivado dessa data celta, dedicada à fertilidade e à renovação.

pesquisa e texto
Ricardo Soares (arqueólogo, CMVB)
Artur de Jesus (historiador, CMVB)
Bárbara & Fernando Pimenta (investigadores)